

Alessandro Baricco

# A Jovem Noiva

Tradução de Sara Ludovico



SÃO TRINTA E SEIS OS DEGRAUS A SUBIR, são de pedra, e o velho sobe-os lentamente, com circunspeção, como se os recolhesse um a um de forma a conseguir empurrá-los em direção ao primeiro andar: ele é o pastor, eles animais dóceis. Modesto é o seu nome. Serve naquela mesma casa há cinquenta e nove anos, sendo por isso o seu sacerdote.

Ao chegar ao último degrau, detém-se frente ao largo corredor que se alonga sem surpresas diante do seu olhar: à direita os quartos fechados dos Senhores, são cinco; à esquerda sete janelas, cerradas com portadas de madeira lacada.

É madrugada, ou melhor, o seu exato começo.

Estacou, o velho, pois precisa de atualizar a sua contabilidade. Regista todas as manhãs que inaugurou naquela casa, sempre da mesma maneira. Então, acrescenta uma unidade que se perde no meio de milhares. A contagem é vertiginosa, mas nem por isso ele se deixa perturbar: oficial desde sempre o repetido ritual matutino parece-lhe coerente com a sua profissão, respeitador das suas inclinações e típico do seu destino.

Depois de passar a palma das mãos sobre o tecido engomado das calças – sobre os flancos, na zona das coxas – estica a cabeça ligeiramente para a frente e volta a pôr em

movimento os seus passos. Ignora as portas dos Senhores, mas, ao chegar à primeira janela, do lado esquerdo, para e abre as portadas. Fã-lo com gestos suaves e precisos. Repete-os em cada uma das janelas, por sete vezes. Só então se volta, para formar um juízo acerca da luz da madrugada, que entra em feixes pelos vidros; conhece todas as suas possíveis gradações e pela sua composição sabe como será o dia, podendo até, por vezes, deduzir dela vagas promessas. E porque irão confiar nele – todos eles – é importante a opinião que dela se extrai.

Sol velado, brisa ligeira, decide. Assim será.

Então, volta a percorrer o corredor, desta vez dedicando-se à parede anteriormente ignorada. Abre as portas dos Senhores, uma após a outra, e em voz alta anuncia o início do dia com uma frase que repete cinco vezes sem modificar nela nem o timbre, nem a inflexão.

*Bom-dia. Sol velado, brisa ligeira.*

Depois desaparece.

Deixa de existir até ao momento em que reaparece, emudecido, na sala de refeições.

De acontecimentos passados cujos pormenores, por agora, se prefere não falar, descende o hábito daquele solene despertar que, mais tarde, se tornou festivo e prolongado. Envolve toda a casa. E nunca antes da madrugada, isto era taxativo. Esperam pela luz e pela dança de Modesto nas sete janelas. Só então dão por terminada a condenação ao leito, a cegueira do dormir e a aposta nos sonhos. Mortos, a voz do velho trá-los de novo à vida.

É então que se precipitam para fora dos quartos, sem sequer se preocuparem em vestir outra peça de roupa, nem

tampouco sentirem o alívio da água sobre os olhos, sobre as mãos. Com os odores do sono entre o cabelo e nos dentes, cruzamo-nos nos corredores, nas escadas, à saída dos quartos, abraçando uns e outros como expatriados de volta a uma qualquer terra longínqua, incrédulos por termos escapado ilesos àquele encantamento que é para nós a noite. Dispersos pelo sono forçado, voltamos a constituir-nos como uma família e desaguamos no piso térreo, na grande sala de refeições, como um rio cársico finalmente trazido à luz do dia, predizendo o mar. E é a rir que a maior parte das vezes o fazemos.

E um mar adornado é aquilo que, na realidade, é a mesa de refeições – termo que nunca ninguém pensou usar no singular, pois só o plural pode restituir-lhe a riqueza, a abundância e a sua absurda duração. Evidente é o sentimento pagão de gratidão – a calamidade a que se escapou, o sono. Sobre todas as coisas zela o impercetível deslizar de Modesto e dos outros dois criados. Num dia normal, que não fosse nem de Quaresma nem de festa, o aparato quotidiano oferece pão branco e pão escuro torrados, nozes de manteiga pousadas na prata, compotas de nove frutos, mel e castanhada, oito tipos de doces de confeitaria que culminam num inimitável *croissant*, quatro bolos de cores diferentes, taça de natas batidas, fruta da época sempre cortada em geométrica simetria, exposição de frutos exóticos raros, ovos frescos exibidos em três diferentes tempos de cozedura, queijos frescos e mais um queijo inglês chamado *Stilton*, presunto do caseiro cortado em fatias finas, cubinhos de mortadela, consomê de borrego, fruta cozida em vinho tinto, biscoitos de farinha de milho, pastilhas digestivas de anis, cerejas de massapão, gelado de avelã, um jarrinho de chocolate quente, bombons suíços, gomas de alçaçuz, amendoins, leite, café.

O chá é detestado, a tisana de camomila está reservada aos enfermos.

Pode assim compreender-se como uma refeição, normalmente tida como um rápido ponto de partida para o dia, seja ao invés, naquela casa, um procedimento complexo e interminável. A costumeira ação prevê que permaneçam à mesa durante horas, até se aproximarem da hora do almoço, que, em boa verdade, nunca se chega a fazer naquela casa, como uma imitação à italiana do mais aristocrático *brunch*. Só de vez em quando é que, esparsamente, alguém se levantava para depois reaparecer à mesa parcialmente vestido ou lavado – e de bexiga vazia. Mas são apenas minúcias que mal se perscrutam. Porque, deve dizer-se, à grande mesa de refeições, acedem os visitantes do dia, parentes, conhecidos, suplicantes, fornecedores, eventuais autoridades, homens e mulheres de igreja: cada um com o seu tema. É hábito da Família recebê-los ali, na corrente do torrencial pequeno-almoço, com uma forma de manifesta informalidade que ninguém, nem mesmo eles, conseguiria distinguir do cúmulo da arrogância, isto é, receber as pessoas de pijama. Porém, a frescura da manteiga e o mítico ponto de cozedura das tartes inclinam à cordialidade. O champanhe, sempre metido no gelo e oferecido com generosidade, é suficiente por si só como motivação para a presença de muitos deles.

Por isso, em volta da mesa de refeições, não era estranho ver simultaneamente dezenas de pessoas, mesmo que na família fossem apenas cinco, na verdade quatro, agora que o Filho varão estava na Ilha.

O Pai, a Mãe, a Filha, o Tio.

Provisoriamente no estrangeiro, na Ilha, estava o Filho varão.

Por fim, retiram-se para os seus quartos por volta das três da tarde e, em meia hora, saem deles esplendendo de elegância e frescor, como todos reconhecem. As horas centrais da tarde consagram-nas aos negócios – a fábrica, as propriedades, a casa. Ao entardecer, vem o trabalho solitário – medita-se, inventa-se, reza-se – ou então as visitas de cortesia. O jantar é tardio e frugal, ingerido aqui e ali, sem solenidade, pois já estamos sob a alçada da asa da noite, e por isso tendemos a prolongá-lo, como se fosse um inútil preâmbulo. Sem nos despedirmos, encaminhamo-nos depois para a grande incógnita do sono, cada um de nós exorcizando-a à sua maneira.

Lembre-se que, há cento e treze anos, toda a gente da nossa família tem morrido de noite.

E isto explica tudo.

Naquela manhã, mais concretamente, o tema era a utilidade dos banhos de mar, sobre os quais o Monsenhor, espalmando na boca uma porção de natas batidas, nutria algumas reservas. Intuíu neles uma qualquer evidente incógnita moral, sem ousar no entanto defini-la com exatidão.

O Pai, homem indulgente e sempre que necessário impiedoso, tentava ajudá-lo a concretizar a questão.

– Por gentileza, Monsenhor, lembre-me lá precisamente onde é que se fala disto, no Evangelho.

À resposta, evasiva, fez de contraponto a campanha da porta de entrada, à qual todos ofereceram uma atenção moderada, tratando-se obviamente da enésima visita.

Era Modesto quem tratava do assunto. Todavia, abriu a porta e viu à sua frente a jovem Noiva.

Não era esperada para aquele dia, ou talvez sim e o tivessem esquecido.